

DIERICK RUITERS E RODOLFO BARO: DOIS PERSONAGENS HISTÓRICOS FUNDAMENTAIS PARA AS INCURSÕES HOLANDESA AO BRASIL (1617 – 1654)¹

Marcos Vinícius Viana Pereira²
Luciana Onety da Gama Sobral³

RESUMO

Na primeira metade do século XVII, os holandeses invadiram a Bahia com o objetivo de estabelecer um governo holandês de cariz protestante em terras brasileiras. Para tanto, fizeram uso de homens que conheciam o território, a cultura brasileira e eram conhecedores também das estratégias necessárias que poderiam favorecer uma invasão vinda do mar. Neste sentido, destacam-se dois nomes: o experiente navegador Dierick Ruiters e Rodolfo Baro. Esse artigo pretende se debruçar sobre a história desses homens e de seu importante papel nas invasões holandesas no Brasil.

Palavras-chave: invasão; holandesa; Brasil; Países Baixos.

O CENÁRIO INTERNACIONAL DAS DISPUTAS ENTRE ESPANHA E PAÍSES BAIXOS

Na segunda década do século XVII, as Províncias Unidas dos Países Baixos deram início à criação da Companhia das Índias Ocidentais⁴, buscando alcançar o sucesso que obtiveram com sua congênere no Oriente, aproveitando o final da trégua dos doze anos acordado em 1609 com Filipe III monarca do império Ibérico e tendo como alvo especificamente a colônia portuguesa de maior valor comercial: o Brasil.

Com o objetivo de apossar-se das especiarias e tesouros que se encontravam na colônia, em 1624 os holandeses invadiram a Bahia através do porto de Salvador, o que seria o primeiro domínio holandês em terras luso-brasileiras de uma série que estaria por vir. Para atingir esse objetivo, os holandeses se apropriaram da experiência e vivência de homens que conheciam o território e costumes brasileiros, bem como das debilidades locais. Esse artigo

¹ Esse artigo foi produzido em 2018, no âmbito da Iniciação Científica do Centro Universitário Jorge Amado (UNIJORGE), linha de pesquisa História Moderna, sob a coordenação da professora mestra Luciana Onety da Gama Sobral.

² Licenciado em História pelo Centro Universitário Jorge Amado.

³ Mestre em História Social pela UFBA. Professora e coordenadora dos cursos de História e Letras do Centro Universitário Jorge Amado (UNIJORGE).

⁴ A Companhia das Índias Ocidentais (WIC) foi uma unificação de empresas neerlandesas com criação em 1621, de controle estatal, porém financiada com capitais privados. A WIC objetivava lucros através do monopólio comercial marítimo, pilhagem ao império espanhol, exploração e subjugação de territórios. (PALASSI FILHO, 2015)

tem por objetivo verificar o papel desses homens na invasão do litoral do Brasil, através da análise de documentos de época reveladores da conjuntura vivida.

O século XVII foi para a Europa um período de intensas crises políticas e religiosas, além da ascensão do capitalismo, especialmente na forma do mercantilismo adotado pelas principais nações europeias. Com o crescimento do protestantismo no centro do continente, as disputas de poder entre os impérios logo se acirraram, evidenciando rupturas políticas e conflitos com objetivo de impor a religião e o modo de vida, submetendo as potências inimigas à sua cosmovisão. Como cita Demétrio Magnoli (2006, p. 165): “O século barroco, inquisitorial, da Contrarreforma e da guerra de religiões, alcançou seu momento mais baixo com a Guerra dos Trinta Anos”.

Muitos desses conflitos foram travados pelo império espanhol, fortalecido economicamente pela união com Portugal (1560-1640), que sob a bandeira do catolicismo buscava destituir todas as religiões contrárias à prática católica de suas colônias e países que dominavam politicamente. Os espanhóis faziam isso através da repressão militar, cobrando altas taxas de impostos e aplicando sanções comerciais, esta última provocando grandes surtos de invasões em suas colônias com objetivo de saque das especiarias não comercializadas, como descreve Lousada:

A decisão de Filipe II fechar o porto de Lisboa aos comerciantes e navegadores ingleses e das Províncias Unidas, como forma de lhes restringir o espaço comercial, foi prejudicial para os interesses portugueses. O escoamento dos produtos e das trocas comerciais com o Norte da Europa não só diminuiriam, como obrigou essas potências a procurar os géneros no espaço oceânico lusitano, ou seja, na fonte de produção, utilizando as suas rotas e intrometendo-se nos seus territórios, submetendo Portugal à prova das armas (LOUSADA, 2008, p. 16).

Anos antes do Império Português se submeter à coroa espanhola, ato esse que originou a União Ibérica, Portugal começara a ser uma potência além mar. Dono de pontos estratégicos que facilitavam sua transição entre o Oceano Atlântico e Índico, Portugal crescera econômica e territorialmente tornando-se ao lado do seu vizinho ibérico, uma das maiores potências de sua época (LOUSADA, 2008).

Após o desastre de Alcácer-Quibir⁵, Portugal estava economicamente exangue, o sistema de forças nacionais totalmente desorganizado, a nobreza portuguesa desmoralizada e a Igreja às voltas com uma possível ruptura com o cristianismo na Europa devido à Reforma

⁵ O desastre de Alcácer Quibir foi uma batalha liderada pelo rei português D. Sebastião, com objetivo de conquistar o território norte africano na tentativa de conter os avanços mouros, onde o próprio viria a falecer durante o combate. Com a morte de D. Sebastião sem herdeiros, tendo deixado assim o trono vacante, Filipe II de Espanha, buscou argumentos para tomar o trono de Portugal, como sucessor por direito. Legitimado pelo interesse das cortes, Filipe II firmou um pacto de monarquia dual, isto é, dois reinos para um só soberano (LOUSADA, 2008).

Protestante em vigor. A partir desse novo contexto político, Portugal e todas as suas colônias seriam afetadas diretamente, tanto por pagamentos de novos tributos como por limitações comerciais, pois todos deveriam se enquadrar nas pretensões da nova coroa. Assim acontecera também nas relações de comércio entre o Brasil, a colônia portuguesa e países como Holanda, Inglaterra e França, que por proibição da coroa espanhola, colocava o Brasil como aquele que não poderia ter tratos comerciais com esses países, o fazendo apenas e diretamente a Portugal.

Essas proibições se deram principalmente por disputas entre o reino de Espanha e países com insurreições protestantes, que era o caso dos Países Baixos que reivindicaram a sua independência frente aos espanhóis em 1568. Estabelecendo assim o monopólio das especiarias somente à península ibérica, o que desagradava tanto os países rivais quanto os colonos que não disponibilizavam de concorrências para comercializarem a preços elevados.

A tensão entre os neerlandeses e o reino espanhol já perdurara anos antes da União Ibérica, devido à grande intolerância religiosa praticada pela dinastia dos Habsburgos, uma dinastia real católica que teve como principal combatente ao protestantismo o monarca Carlos V, imperador romano-germânico e rei da Espanha, como Carlos I. Face ao protestantismo que já se adentrava às províncias dos Países Baixos, a repressão ficara mais severa com o passar dos anos, fazendo os sucessores de Carlos V, o seu irmão mais novo Filipe II e logo depois seu sobrinho Filipe III, agirem com punho de ferro na imposição religiosa. Assim nos mostra Palassi Filho:

Com a abdicação de Carlos V, em 1555, seu filho Felipe II de Espanha (1527-1598), herda os Países Baixos, dando início a uma escala de intolerância religiosa sem precedente (PALASSI FILHO, 2015, p. 5).

A camada burguesa da população dos Países Baixos, em sua maioria, era composta por comerciantes que dependiam de especiarias advindas das colônias dominadas quase todas elas por Espanha e Portugal. Que por sua vez, passaram a possuir tais colônias por direito após reconhecimento do pontífice católico sobre o Tratado de Tordesilhas. Sendo assim, o apoio ao protestantismo e ruptura com o catolicismo não era visto como inconveniência para esses homens de negócios pois, no quesito econômico, o distanciamento holandês com o catolicismo possibilitaria os saques, ocupações e explorações no Novo Mundo sem repreensão do pontífice, já que não estariam mais sob a tutela católica.

DOIS HOLANDESES EM MEIO ÀS INVASÕES EM TERRAS BRASILEIRAS

Fernando II de Espanha (1527-1598), em meio a disputas políticas-religiosas, adotou em períodos de seu governo a restrição de comércio entre as colônias, que pertenciam aos

seus domínios e aos países inimigos da Coroa. Entre eles, o principal desafeto estava representado pelos governantes dos Países Baixos, que reivindicaram sua independência perante o controle espanhol, afetando a economia espanhola que encontrava-se em plena evolução do modelo econômico de comércio marítimo. Esse contexto é expressado por Magalhães (2010), de maneira que podemos perceber a fúria da Coroa espanhola em contrapartida da rebelião insurgida pelos Países Baixos:

As nações que constituíram e afirmaram as confissões protestantes ao longo do século XVI, a exemplo das Províncias Unidas, enfrentaram o poder da Coroa espanhola e a influência da Igreja Católica. As Províncias Unidas se rebelaram, no ano de 1572, contra o domínio da Espanha lutando pela sua autonomia política e livre exercício da confissão calvinista, sendo, por isso, entregues à fúria dos exércitos peninsulares de El-Rey Felipe II e do seu sucessor, Felipe III, a quem coube continuar a guerra contra a expansão da Reforma Protestante no contexto das guerras religiosas modernas. (MAGALHÃES, 2010, p. 12)

Tal situação desencadearia sucessivas investidas contra os navios mercantes ibéricos, principalmente por parte de ingleses, franceses e holandeses que visavam se beneficiar da prata e ouro extraídos das colônias e das especiarias como o açúcar, principal produto agrícola produzido pelo Brasil, colônia portuguesa na época, na qual a burguesia neerlandesa havia aplicado um alto investimento. Assim, a partir da União Ibérica os inimigos de Espanha passaram a ser também os de Portugal, como descreve Behrens:

A partir de 1580, os ataques estrangeiros aumentaram bastante em decorrência da União Ibérica. Se já eram frequentes os confrontos com embarcações francesas ao longo do litoral da colônia, a união das duas Coroas trouxe para Portugal e suas possessões os inimigos da Espanha, como a própria França, a Inglaterra e a Holanda. Assim, ataques que antes se concentravam nas áreas de domínio espanhol, estenderam-se aos domínios portugueses na América [...] (BEHRENS, 2013, p. 36.)

O rei Filipe III subindo ao trono do vasto império espanhol em 1598 herdara, além do maior império à época, os inimigos do pai e assim continuou a travar batalhas frente aos inimigos neerlandeses. Porém, em 1609 assinou uma trégua que ficara conhecida como “*A trégua dos 12 anos*”. Mesmo durante esse período, expedições holandesas eram constantes ao longo do litoral da América Portuguesa e uma dessas expedições aportara na Ilha Grande, hoje o que seria a região litorânea do Rio de Janeiro, comandada pelo capitão Dierick Ruiters e sua tripulação. Dentre essa se encontrava um jovem menino que mais tarde ficaria conhecido como Rodolfo Baro. Logo ao atracarem na costa, foram atacados e aprisionados, enquanto o restante da tripulação foi morta (RUITERS, 1913).⁶

⁶ O texto de Dierick Ruiters *Toortse der Zeevaart (A Tocha da Navegação)* de 1623 foi reeditado por S. P. l’Honoré Naber em 1913.

Apesar do trágico desdobramento para a tripulação neerlandesa, é a partir desse ponto que começa a trajetória de dois personagens históricos, que através de suas experiências em terras inimigas contribuíram para o relativo sucesso das invasões holandesas em território de ocupação ibérica, assim como a manutenção de sua permanência devido a alianças com os nativos, fato esse possível, pois um holandês crescera com os nativos do Novo Mundo.

Segundo TEENSMA (1997), Rodolfo Baro foi enviado ainda criança ao Brasil na frota das Índias Ocidentais, que partiu da Holanda por volta de 1617 e deveria ter na época em que escreveu o texto sobre sua experiência, quarenta anos (FERRÃO; SOARES, 1997). Na Colônia portuguesa aprendeu a língua do país, viveu entre os índios de forma íntima. Essa estratégia de sobrevivência por parte do cativo lhe vale a vantagem de anos mais tarde ser utilizado como embaixador de Holanda para negociar os conflitos com os tapuias. Isso só se tornou possível devido ao conhecimento de Baro do território, sua gente e costumes.

Durante o ataque, Ruiters conseguiu sobreviver, façanha que quase toda tripulação não tivera, porém foi capturado e preso. Tal prisão mais adiante se tornaria indiretamente uma questão positiva para os neerlandeses pois, após alguns anos ele consegue fugir para sua terra natal e lá publica um livro intitulado “*A Tocha da Navegação*” (1623), onde relatou as experiências vividas durante esse período, ofertando informações cruciais para navegantes que desejavam chegar ao litoral do atlântico sul com segurança, como também as peculiaridades da nova terra e características da população local.

Os dados de rotas seguras para navegação era algo que beneficiaria muito os navegantes holandeses que desejavam saquear as terras ibéricas e emboscar navegações para obtenção de prata e ouro. Além das informações importantes para os aventureiros navegantes, os relatos sobre os costumes e características da população que no Brasil se encontravam, foi um ponto de bastante relevância para a estratégia da chamada *West-Indische Compagnie (WIC)*, em holandês, traduzida como Companhia Holandesa das Índias Ocidentais, durante a dominação territorial no nordeste brasileiro. Em sua obra ele menciona o motivo que o levou a publicar o livro, como também a estranheza de ser o primeiro a fazê-lo:

Eis por que me propus (vendo que, estranhamente, até agora ninguém se animou a fazê-lo) publicar este livro intitulado *Tocha da Navegação*. Escrito à maneira singela mas objetiva do marujo, o qual será prático e útil a todos os navegantes que queiram ir às costas do Brasil, das Índias Ocidentais, da Guiné e da Terra Nova, para chegar não somente a alguns, mas a todos os rios, portos e enseadas até o presente conhecido[...] (RUITERS, 1913, p. 21)

Até o final do século XVI os neerlandeses traçavam suas rotas em direção oriental na busca de especiarias nas Índias e continente africano, isso pode explicar a falta de orientações cartográficas em relação ao recém descoberto “Novo Mundo”, contudo já havia informações entre portugueses e espanhóis acostumados com as rotas transatlânticas. Sua obra, *A Tocha da Navegação* (1623), serviria de forma útil para os interesses neerlandeses, pois como aponta Ruiters em seu prefácio, era difícil achar quem não desejava entre os marujos ter instruções enquanto às navegações ao sul e a linha equinocial, pois não era raro passar meses navegando em torno de si por se enganar com as águas tranquilas e ao final deparar-se em rumo totalmente contrário do desejado (RUITERS, 1913).

A obra de Dierick Ruiters fora publicada em 1623 e republicada em sua segunda edição no ano de 1648, contudo em 1965 apenas podia se encontrar três exemplares da primeira edição e dois da segunda. Porém, neste mesmo ano o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, no seu volume 269, publicou *A Tocha da Navegação* traduzida para o português, o que contribuiu para análise deste documento primoroso por parte da historiografia brasileira, mesmo sendo ainda de maneira modesta.

O tempo que permanecera cativo no Brasil permitiu que Dierick Ruiters analisasse minuciosamente as rotas de navegações que permitiam os portugueses transitarem por dentro do território brasileiro, como também as características de cada classe da sociedade daquela época. Assim que capturado junto a alguns tripulantes da embarcação, foi conduzido à cidade do Rio de Janeiro e mais tarde enviado para Salvador, capital da colônia portuguesa, lá fugindo após completar 30 meses desde sua prisão. Nos relatos descritos em seu livro, pode-se notar detalhes que permitem deduzir que Ruiters, mesmo sob encarceramento, teve contato intenso com as práticas da sociedade que estava inserido. Em um de seus relatos ele menciona a quantidade de negros escravos existentes na Bahia, os diferenciando pela sua etnia e se permite dar considerações sobre:

Os negros de Angola são de uma robustez invulgar e adaptam-se muito bem à escravidão. De todo modo destituídos de inteligência, são de uma obtusa docilidade. Na Bahia, entre os engenhos e cidade, haverá uns 15.000 a 16.000 homens e mulheres de raça preta, tantos que se fossem inteligentes e unidos facilmente poderiam expulsar os portugueses a pauladas do país. (RUITERS, 1913, p. 29)

É possível que durante o percurso de seu trajeto como prisioneiro partindo do Rio de Janeiro à Salvador na Bahia, Dierick tenha convivido com os negros escravizados como companheiro de cárcere ou em momentos de pausa durante a viagem, pois como prisioneiro poderia ter ficado recluso nas senzalas dos engenhos enquanto aguardava seus captores para retomar o trajeto. O que pode explicar a riqueza de detalhes que reproduz em um dos seus

capítulos, onde alega ter presenciado as formas de castigo que sofrera um negro ao ser apanhado roubando comida.

Eu mesmo vi um negro faminto que, para encher a barriga havia furtado dois pães de açúcar. Ao sabê-lo, o senhor, foi ele amarrado de bruços a uma tábua e, em seguida, chicoteado a rêlho de couro por um negro até que seu corpo ficou, da cabeça aos pés, uma chaga aberta. Lugar poupado era lacerado à faca. Depois outro negro derramou sobre suas feridas um pote contendo vinagre e sal. O infeliz sempre amarrado, torcia-se de dor. Tive que presenciar (por mais que me chocasse) essa transformação em carne de boi salgado e, como se não bastasse, deitaram-lhe ainda breu derretido. (RUITERS, 1913, p. 65)

Sua obra é dividida entre vários tópicos, de maior número os que descrevem as rotas de navegação e dicas para o sucesso das embarcações, porém não deixando de lado as características das cidades que provavelmente pôde ter visitado, mencionando sempre que oportuno. Os detalhes não se detêm apenas no modo de vida da sociedade colonial brasileira, vai ainda mais fundo quando é direcionado aos dados de navegações, foco principal de seu trabalho. Parece que Ruiters não tinha por outro objetivo a não ser catalogar informações sobre a maior colônia ibérica, possivelmente já com esperanças de escapar das mãos inimigas a qualquer momento. Ao publicar *A Tocha da Navegação* (1623), ele permitiu aos navegantes aventureiros optar em qual época seria mais propício desbravar os mares até então desconhecidos.

Além das informações das rotas de províncias economicamente interessantes para uma invasão, há dados de como alcançar várias ilhas estratégicas para uma possível emboscada ou cerco, como a Ilha dos Castelos ou Marambaia na região litorânea do Rio de Janeiro. Ruiters é ainda mais minucioso ao detalhar as épocas do ano em que é melhor se navegar, por exemplo, como navegar até a Bahia de Todos os Santos de setembro a março.

Quem se propõe ir à Baía de Todos os Santos nos meses acima mencionados, em que sopra o Nordeste, deve-se aborda-la aos 11° ou 12° -15': a costa é montanhosa e os morros mostram do lado do mar manchas brancas como se fossem lençóis a secar. Vistos à maior distância, parece estandartes ou bandeiras. [...] pode-se navegar bem perto da costa vindo do Norte sem perigo algum, salvo junto à ponta de Santo Antônio, onde convém precaver-se porque há aí pedras. (RUITERS, 1913, p. 43)

Para que alcançasse a costa do atlântico sul, é sabido que o capitão deveria carregar uma certa experiência em alto mar, porém a riqueza de detalhes e facilidade com que Ruiters expressa as rotas e dicas para o leitor, fazendo-o com objetividade de modo a transparecer sua experiência entre linhas, permite supor que os conhecimentos adquiridos não ficaram restritos apenas aos anos de cárceres em que esteve submetido no Brasil, porém podendo ter adquirido

tais conhecimentos durante experiências passadas antes de sua captura na região da Ilha Grande.

Esses dois personagens históricos contribuíram, como mostram as fontes analisadas, de forma significativa no aspecto positivo para as pretensões da Companhia holandesa no território brasileiro. Essas contribuições se deram em pontos distintos do período Brasil holandês, pois Ruiters teve um papel importante para a invasão na coleta e distribuição de informações cruciais para se chegar ao litoral sul americano e principalmente na colônia portuguesa e, também, para a elaboração de estratégias da WIC sobre como se daria a permanência em terras inimigas, isso através dos relatos das características da sociedade. Já Baro, teve seu papel na manutenção da colônia holandesa através da sua experiência e conhecimento dos nativos que, em certos momentos, auxiliaram as tropas holandesas nos conflitos contra a Coroa ibérica, fazendo-os de inimigos a aliados.

Em pouco tempo, os holandeses foram vencidos pelos portugueses, auxiliados pelos índios e negros, numa série de campanhas catastróficas, o que reduziu o território colonial holandês a alguns pequenos enclaves costeiros. Enviados representando o domínio português pressionavam os aliados índios dos holandeses para trocarem de lado. Nessa perspectiva, a nomeação de Rodolfo Baro como intérprete e embaixador para os tapuias, em abril de 1647, e a missão que realizou nos sertões do Rio Grande do Norte tiveram uma grande importância (TEENSMA, 1997, p. 19).

Com base nas fontes encontradas e nos trabalhos acadêmicos realizados até o presente momento, é possível afirmarmos que todo esse contexto de invasões e domínios territoriais por parte dos holandeses no Brasil colonial afetou a sociedade da época, até então sob forte domínio do catolicismo, detectamos, ainda, a reação a uma nova ordem religiosa, mesmo que não imposta, porém convivendo no mesmo âmbito.

CONCLUSÃO

Mediante o contexto de luta por independência dos Países Baixos, as batalhas ampliaram-se além dos territórios neerlandeses, transferindo-os também para o Oceano Atlântico com emboscadas e saques de prata e ouro dos navios ibéricos. Mais adiante, o Brasil, principal colônia mercantil portuguesa, foi surpreendido por invasões com intenções colonizadoras pelos neerlandeses através de uma organização financiada com capital burguês da WIC (Companhia das Índias Ocidentais).

Após uma tentativa de ocupação em 1624-1625 em Salvador, capital da colônia portuguesa na época, os holandeses conseguiram ocupar Pernambuco em 1630, dando início aos seus planos de colonização e extração de especiarias, principalmente o açúcar que tinha em Pernambuco o principal produtor mundial nesse período.

Para obtenção de êxito nas rotas de navegações durante a viagem para o Brasil e manutenção da ocupação realizada em parte do nordeste brasileiro, a companhia obteve auxílio de dois indivíduos que contribuíram para os interesses neerlandeses através de dados de navegação fundamentais para a chegada rápida e mais segura das embarcações da WIC ao litoral brasileiro. Ademais, esses dois importantes personagens históricos tiveram relevante papel nas intermediações de relações com os nativos, que em certos momentos contribuíram com os holandeses na luta contra a coroa ibérica. Esses personagens são o experiente navegador Dierick Ruiters e Rodolfo Baro, este último chegara ainda menino no Brasil, quando foi capturado como tripulante no navio holandês.

A partir das análises de documentos de época, é possível deduzir que as contribuições desses indivíduos foram basilares para as batalhas neerlandesas, na tentativa de enfraquecer seu adversário político, a Espanha, frente às colônias do Novo Mundo. Certamente, Ruiters e Baro influenciaram diretamente nas invasões e permanência da Companhia das Índias Ocidentais em territórios luso-brasileiros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E FONTES HISTÓRICAS

- BEHRENS, Ricardo. **Salvador e a Invasão Holandesa de 1624 – 1625**. Salvador: Editora Pontocom, 2013.
- FERRÃO, Cristina; SOARES, José Paulo Monteiro (ed.). **Brasil Holandês: Documentos da Biblioteca Universitária de Leiden**. v 1. Tradução de: Álvaro Alfredo Bragança Junior e B.N. Teensma. Rio de Janeiro: Editora Index, 1997.
- PALASSI FILHO, Arlindo. Formação do estado moderno holandês: apogeu e queda da República das Províncias Unidas. **Boletim Historiar**, Sergipe, n. 9, 2015.
- LOUSADA, Abílio P. **Portugal na monarquia dual: o tempo dos Filipes (1580-1640)**. Lisboa, Janeiro, 2008.
- MAGALHÃES, Pablo A. Iglesias. **Equus Rusus: a Igreja Católica e as guerras neerlandesas na Bahia (1624-1654)**. 2010. 883 fls. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-graduação em História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, 2010.
- MAGNOLI, Demétrio. **História das Guerras**. 3. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2006.
- RUITERS, Dierick. **Toortse der Zeevaart (A Tocha da Navegação)**. 1 ed. Países Baixos, 1623. Reedição: S. P. l'Honoré Naber, Haia, 1913.
- TEESMA, B.N. **A missão de rodolfobaro a Nhanduí na Serra de Macaguá, em 1647**. Rio de Janeiro: Editora Index, 1997.